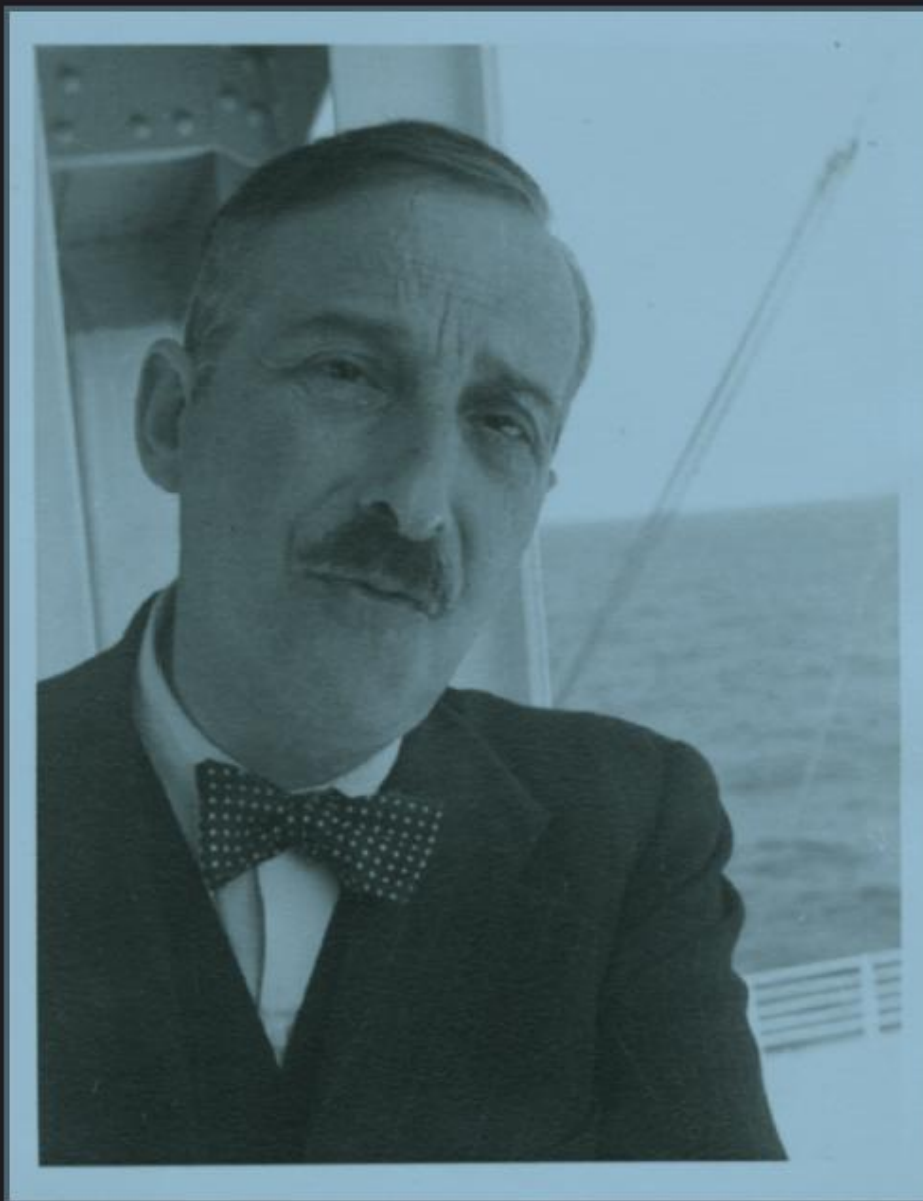


Sem forças para viver

Revista GEO - sem data



Sem forças para VIVER

Livro lembra 70 anos da morte do escritor austríaco-judeu STEFAN ZWEIG por meio de correspondências suas e da sua mulher, Lotte Zweig. Autor da consagrada obra *Brasil, país do futuro*, ele foi observador, perspicaz e sensível em sua forma de retratar o País. Faltava-lhe, porém, estômago e ânimo para encarar as mazelas trazidas pela Segunda Grande Guerra...

Por Jussara Goyano (TEXTO)

À esq. Stefan Zweig, em viagem. À dir. com a esposa, Lotte. As cartas que revelam o cotidiano do casal no Brasil foram escritas para membros da família de Lotte, quase sempre para seu irmão Manfred e sua cunhada Hannah Altmann, geralmente com intervalos de uma ou duas vezes por semana. Em muitas cartas Stefan Zweig expressa seus agradecimentos aos Altmanns por administrarem seus negócios na Inglaterra – em particular por cuidarem da casa em Bath (Inglaterra), mas também por lidarem com seu editor em Londres e cuidarem de outros assuntos financeiros. Além desses problemas práticos, contudo, as cartas revelam ainda afeição sincera pelos cunhados. Por meio de sua jovem esposa Lotte, Stefan Zweig havia encontrado também uma nova família. E com ela compartilhava o cotidiano, da insatisfação com a guerra ao prazer de estar no Brasil



Zweig e Lotte, juntos,
em ação, na composição
de mais uma obra
do intelectual



Outubro de 1940, por Zweig

"Querida Hannah, ficamos muito felizes de receber sua carta de 8 de agosto tão rapidamente, as outras não chegaram, exceto a primeira. O Rio continua maravilhoso como sempre, nada no mundo se compara. Lamentavelmente receio que Lotte perderá a modéstia aqui, porque ela está sempre com embaixadores, ministros e fotografada em todos os jornais!" (carta enviada à Hanna, cunhada de Lotte)

O contexto é triste (é da Segunda Guerra Mundial que se fala). Sobretudo para este casal, que era judeu. As cartas trocadas entre os cônjuges e suas famílias, e mesmo entre ambos, hora são triviais, hora bem humoradas. Mas muitas vezes trazem enorme densidade e melancolia, como não podia deixar de ser para uma dupla que viu sua língua e cultura (e sua pátria) se destruírem, sem que lhes restasse um porto seguro para lhes restituir as origens. O escritor Stefan Zweig e sua mulher, Lotte Zweig, tinham esperança de que a Europa vivesse dias melhores, em especial a Áustria, sua terra natal, contaminada pelas políticas sem fronteiras de Hitler.

Sob esse cenário, o início dos anos 1940 não só lhes marcou a história, como lhes consumiu a vida. Entre Rio de Janeiro, Buenos Aires e Nova York, Zweig e Lotte viveram a angústia de ver os conflitos nazistas dizimarem a nação judia. Os escritos postais do casal (a maior série deles já reunida na América do Sul, publicadas e analisadas no recém-lançado livro *Stefan e Lotte Zweig, Cartas da América - Rio, Buenos Aires e Nova York 1940-42*, da Versal Editores) são claros em mostrar a indignação, o desgosto e o repúdio dos dois pelo alastamento dos ideais hitlerianos. Mas também revelam o frugal cotidiano deles e a relação suave de ambos com o Brasil, onde viveram seus últimos anos.

As cartas trazidas a público falam não só da postura do casal diante do caos genocida em terras europeias, como também contam um pouco de sua intimidade familiar e do esforço desesperado em obter refúgio para amigos e colegas escritores que tentavam - muitas vezes em vão - o exílio. Estiveram, ainda, a profunda depressão enfrentada pelos Zweig, que levou ao pior, em uma precisa crônica de seu declínio, desde o refúgio encontrado inicialmente nos Estados Unidos à festejada recepção do casal como celebridade na Argentina e a visita ao Brasil, onde se estabeleceram, por fim, em Petrópolis (RJ).

O casal se suicidou, há 70 anos, na casa onde viveu, na serra carioca, que hoje dá espaço a um memorial para refugiados da Europa nazista. Stefan e Lotte não aguentavam mais o que havia se tornado o Vêlo Mundo.

Antes de deixar a vida por vontade própria e livre, com minha mente lúcida, imponho-me última obrigação, dar um carinhoso agradecimento a este maravilhoso país que é o Brasil, que me proporcionou, a mim e a meu trabalho, tão gentil e hospitaleira guarida. A cada dia aprendi a amar este país mais e mais e em parte alguma poderia eu reconstruir minha vida, agora que o mundo de minha língua está perdido e o meu lar espiritual, a Europa, autodestruiu. Depois de 60 anos são necessárias forças incomuns para começar tudo de novo. Aquelas que possuo foram exauridas nestes longos anos de desamparadas peregrinações. Assim, em boa hora e conduta ereta, achei melhor concluir uma vida na qual o labor intelectual foi a mais pura alegria e a liberdade pessoal o mais precioso bem sobre a Terra. Saúdo todos os meus amigos. Que lhes se já dado ver a avóca desta longa noite.

As cartas trazidas a público falam não só da postura do casal diante do caos genocida em terras europeias, como também contam um pouco de sua intimidade familiar

Eu, dema sadamente impaciente, vou-me antes.

Stefan Zweig

Assim dizia a "declaração" do escritor. Figura que, mesmo amofinada com as perspectivas que se encovavam, quando aqui fixou residência, pouco antes de morrer, apelidou o Brasil de "País do futuro", em uma de suas mais comentadas obras - atualmente hoje internacionalmente reconhecida. Escreveu a autobiografia *O Mundo que Eu Vi*, que contava sua vida com paralelos e incursões em momentos históricos que presenciou, como a monarquia Austro-Húngara, a primeira e a segunda guerras mundiais. Escreveu a novela *O Jogador de Xadrez* e deu início à obra *O Mundo de Ontem*. Tudo isso nos últimos anos de sua vida, em sua estada brasileira.

E Lotte? Bem, para ela a felicidade era a cumplicidade com Zweig, o trabalho do escritor, que também lhe era comum. Então não lhe restava, mesmo, outra alternativa, diante do desânimo de Zweig (que em imensa parte também era o seu). Assim se foi, junto do marido. Ela teve papel importantíssimo na finalização das obras do esposo, reunindo dele anotações vitais para as mesmas. A marca deixada por Zweig em sua produção intelectual derradeira era intrinsecamente ligada à situação de Lotte. Diferente das esposas de intelectuais de sua época, ela sabia se expressar.

O BRASIL DE ZWEIG

Zweig se ufanava da nova morada, o Brasil, país que visitou em três diferentes ocasiões. Na primeira, entre 1940 e 1941, deu palestras por aqui e, visitando a Bahia, encontrou o que considerava a solução para a tola pureza racial preconizada pelos arianos na época. Escrevia para Manfred e Hannah Altmann, seus cunhados, que vira muita felicidade na simplicidade com que lá se vivia, que, no Brasil, a miscigenação desenfreada e amistosa dava lições aos ensinamentos nazistas.

Foi então que empreendeu, com a ajuda de Lotte, a reconhecida obra *Brasil, País do Futuro*, com um olhar sensível, observador e perspicaz sobre o País.

Zweig, encantado, tentou conhecer o Brasil o mais que pôde, por sua intenção de longa data em aprofundar-se na cultura brasileira e percorrer regiões cuja dimensão sempre lhe pareceu infinita, de um modo instigante.

Festejados em eventos sociais, governo brasileiro tinha seus interesses na relação com os Zweig



Fevereiro de 1942, por Zweig e Lotte

"Em duas semanas o Rio terá seu famoso carnaval, e embora evitemos em princípio todas as festividades, iremos ao Rio passar o dia para ver o Carnaval do povo nas ruas, considerado um espetáculo único." (carta enviada à Manfred e Hanna)

"Desde a adolescência ansei por ver o Amazonas, o rio mais caudaloso, desde a adolescência, desde que pela primeira vez li alguma coisa acerca de Orellana, que, na mais memorável de todas as viagens, foi o primeiro a descê-lo numa pequena canoa, partindo do Peru — desde a adolescência, quando no Jardim Zoológico de Viena vi os papagaios que ostentavam o brilho de suas cores, e os ágéis macaquinhos, e li nas tabuletas: Amazonas. Agora me acho na foz do Amazonas, ou melhor, numa das suas fozes, das quais cada uma é mais larga do que a de qualquer dos nossos rios da Europa."

A fala do escritor é da já referida obra sobre o Brasil, caso único, no País, segundo o jornalista Alberto Dines, o principal biógrafo brasileiro de Zweig, de livro que se tornou "êpito racional". Mas a crítica da época, na verdade, não via dessa forma a obra do escritor — o que ainda não era êpito, naquele momento, soava aos intelectuais um exagero apaixonado, em época que a ditadura brasileira não era algo de que o povo (nem ninguém) pudesse se orgulhar. Mas a publicação foi um sucesso de vendas. Eram idas, então, três viagens de Zweig ao lugar de que se ufanou, e nele resolveu fugar moradia, fugindo da realidade dos massacres judeus.

GUERRA E PAZ

Stefan Zweig era filho de um industrial e neto de banqueiros. Estudou Filosofia na Universidade de Viena, Áustria, e, em 1904, doutorou-se, versando sobre o trabalho de Hippolyte Taine, crítico e historiador francês do século 19 — sua relação com a França era estreita: verteu do francês para o alemão textos dos escritores Keats e Baudelaire, entre outros clássicos do idioma. As relações diretas com personalidades também lhe eram comuns — correspondeu-se com Rimbaud e Freud, alguns nomes de sua notável lista de contatos.

Além de se destacar no drama, biografou Dostoiévski, Dickens, Balzac, Nietzsche, Tolstói e Stendhal. E uma aproximação com o Brasil já se encenava, quando escreveu sobre Maria Antonieta. A consagração também como narrador, poeta e ensaísta veio com suas obras baseadas em Psicanálise, entre os anos 1920 e 1930.

Durante a Primeira Guerra Mundial, em 1915, casou-se com a escritora Friderike von Winsternitz e viveu em Salzburgo, ainda na Áustria, por quinze anos. E, nessa época, mesmo trabalhando no Ministério da Guerra, e, talvez, exatamente por

isso, tornou-se um pacifista - defendia a unificação da Europa e não sua cisão em ideais totalmente discutíveis do ponto de vista filosófico, social e cultural. Foi então que conheceu Charlotte Elizabeth Altmann (mais conhecida como "Lotte") e, separando-se de sua primeira esposa, uniu-se à moça, na época, sua secretária.

Seu descontentamento com o Nacional-Socialismo, na verdade, vinha da Primeira Guerra, de um rompimento que houve com a ordem da época, com o alastramento dessa política. Em 1934, incomodado com o anti-semitismo de Hitler, deixou a Áustria e passou a viver na Inglaterra, entre Londres e Bath, onde se naturalizou cidadão britânico. Mais tarde, foi inevitável atravessar o Oceano Atlântico. Teve, com Lotte, os Estados Unidos como primeiro refúgio, indo somente mais tarde, pelo menos 7 anos depois, fixar-se no Brasil, lugar em que tentou recriar seu modo de vida e cultura. E escrevera aos cunhados:

"Você não pode imaginar o que significa ver este país que ainda não foi estragado por turistas e tão interessante - hoje estive nas cabanas dos pobres que vivem aqui com praticamente nada (as bananas e mandiocas estão crescendo em volta) e as crianças se desenvolvem como se estivessem no Paraíso. A casa inteira, desde o chão, lhes custou seis dólares e, por isso, são proprietários para sempre. É uma boa lição ver como se pode viver simplesmente e, comparativamente, feliz - uma lição para todos nós que perdemos tudo e não somos felizes o bastante agora, ao pensar como viver então".

As autoridades políticas brasileiras ligadas à Vargas, Zweig causava admiração. Embora o desconforto da contradição: Zweig era antinazista e liberal enquanto esses oficiais eram, em muitos casos, simpatizantes do nazifascismo. A festejada relação (principalmente pelos representantes do Estado brasileiro) era permeada de interesses e susceptibilidades.

"Considerando que o nosso velho mundo é, mais do que nunca, governado pela tentativa insana de criar pessoas racialmente puras, como cavalos e cães de corrida, ao longo dos séculos a nação brasileira tem sido construída sobre o princípio de uma miscigenação livre e não filtrada, a equalização completa do preto e branco, marrom e amarelo", afirmava o escritor. Eram somente coisas positivas sobre o Brasil que ele conseguia produzir, para o momento. Um alento ao mal estar que lhe provocavam os conflitos europeus.

A ASSISTENTE DE PESQUISA

A nada submissa Lotte Zweig (née Altmann) nasceu em 1908, em uma família de comerciantes de classe média da cidade prussiana de Kattowitz. Foi fugindo da política de Hitler, também, que, logo após ele ter assumido o poder, na Alemanha, Lotte se mudou para Londres. Lá, em 1934, foi contratada por Stefan Zweig como secretária multilíngue e assistente de pesquisa. Após a separação de Zweig, ele se casou com a então Srta. Altmann, em 1939. Em um ano deixaram a cidade de Bath, na Inglaterra, e partiram para as Américas.

A marca deixada por Zweig em sua produção intelectual derradeira era intrinsecamente ligada à atuação de Lotte

Lotte, apesar de ser bem mais jovem que Zweig, vinha de um meio social próspero e com valores culturais semelhantes aos dele. O que acontecia, naquela união, era, assim, a perfeita confluência de interesses sociais e culturais e parcerias e não a tradicional subserviência de uma esposa a seu marido.

A então senhora Zweig sabia escrever e falar em inglês, francês e alemão, compreendia o iídiche e, durante sua estadia na América do Sul, aproveitou para aprender português e espanhol. Nas cartas trocadas com seus familiares Lotte revela-se forte e pensante, fato ao qual nenhum registro, até o momento, tinha conseguido fazer jus.

"Como você pode ver, estou me identificando cada vez mais com a mentalidade daquelas mulheres que antigamente me mantinham de tédio, e também estou entendendo melhor agora as mulheres de escritores que nem sempre querem ouvir a conversa inteligente de seus respectivos maridos, mas preferem discutir problemas de mulher entre elas mesmas. Eu simplesmente preciso falar sobre essas pequenas coisas, como o dia em que minha empregada precisou de papel-manteiga para um bolo e usou o papel de um queijo tilsit, ou que ela usa o pente do cachorro para se pentear (felizmente ambos são muito limpos) e outras coisas interessantes".

Neste relato ao marido, por exemplo, Lotte revela um pouco de sua inquietação, de maneira que soa sarcástica, mas, que, na verdade, era apenas um relato fiel à sua realidade momentânea: o cotidiano tipicamente feminino da época, que antes a incomodava, era agora a fuga de pensamentos sombrios, insatisfações com os problemas relacionados à guerra e ao exílio.

Dos pensamentos sombrios à tragédia: Lotte foi encontrada, por fim, no carnaval de 1942, ao lado do marido, em posição a revelar a tamanha cumplicidade com Zweig, na saúde, na alegria e na profunda tristeza da incerteza dos rumos da política europeia. ■

As imagens desta matéria fazem parte da publicação a seguir: Stefan e Lotte Zweig, Cartas da América - Rio, Buenos Aires e Nova York 1940-42. EDITORA: Versal Editores ORGANIZAÇÃO E INTRODUÇÃO: Darién J. Davise Oliver Marshall. TRADUÇÃO: Eduardo Silva e Graça Salgado. 284 páginas

